

5

Considerações Finais

“...Quem sabe o que se dá em mim?
Quem sabe o que será de nós?
O tempo que antecipa o fim
Também desata os nós
Quem sabe soletrar adeus
Sem lágrimas, nenhuma dor
Os pássaros atrás do sol
As dunas de poeira
O céu de anil no pólo sul
Há dinamite no paiol
Não há limite no anormal
É que nem sempre o amor
É tão azul...”.

Novamente - Alexandre Lemos e
Fred Martins

Finalizando...

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.

Titãs

Chegando às considerações finais, tomo um caminho similar à posição tomada na elaboração dos capítulos desta tese. Procuro valorizar o próprio percurso do trabalho no Posto e em Muzema. Penso em “construção de resultados” e levo em conta o caráter dinâmico e provisório de todo o conhecimento produzido neste trabalho.

Entendo que o objetivo deste estudo, apresentado na introdução, revelando os desdobramentos de minha atuação, desde janeiro de 2002, como supervisora em Psicologia Comunitária na localidade de Muzema, tenha sido, de alguma forma, alcançado. Os desdobramentos implicam uma investigação mais elaborada de questões que se apresentaram de forma objetiva nesta trajetória. Tais assuntos foram considerados e discutidos por mim e pelos estagiários em muitos momentos em que nos encontramos. As reflexões sobre o individualismo, a ausência do Estado e a realidade de sujeitos refugados são analisadas a partir de uma escuta de aspectos que partiram da própria clínica realizada no Posto e de uma observação participante na comunidade. Estes são temas que expressam o contexto de nossas

vidas hoje, refletem, ainda, pontos nevrálgicos que nos fazem sentir impotentes, mas que não podemos tomar como o “natural” deste momento histórico.

Destaco a experiência coletiva que pude viver com os estagiários como um ponto que desafia as críticas feitas sobre o individualismo de nossos tempos. Além disto, citando mais uma vez o sociólogo Bauman (2003), no mundo atual somos convocados a buscar soluções biográficas para contradições sistêmicas, procurando a salvação individual de problemas compartilhados.

Muzema é contemporânea. Neste estudo, é um microcosmo de um contexto mais amplo de análise. Como analisa este autor, onde o Estado fracassou, poderá a comunidade local fornecer a segurança.

No início deste trabalho, em 2002, convivi, da mesma forma que expressam muitos moradores, com uma percepção de que naquele lugar “não havia violência”. Com o passar dos anos, a relação construída com a liderança local e a própria exposição da mídia sobre aquela região, fazem um novo discurso emergir, “*aqui tem violência como qualquer lugar*”, “*aqui não tem tráfico, nem milícia*”. A “*polícia mineira*”, termo usado por quem vive naquela região, é aparentemente substituído por “*milícia*”. Reflito sobre a construção da subjetividade dos sujeitos nestas comunidades e sobre a forma como os mesmos circulam em diferentes locais da cidade.

Além disto, após a exposição da mídia sobre a realidade dos moradores do Rio de Janeiro que estão sob o controle do tráfico ou das milícias, observo a plasticidade com que este discurso é aceito pela população carioca, como algo já pertencente ao cotidiano urbano. O Estado de Exceção vira a regra de nossas vidas, sem que tomemos conhecimento das causas que nos levam à incorporação desta realidade.

Diante deste contexto, reitero o que já disse sobre o fortalecimento da experiência coletiva. É desta forma que sou instigada a continuar esta tese e penso que, na prática do trabalho do psicólogo, a articulação teórico-prática promove além de uma práxis, um posicionamento ético e político frente à nossa realidade social.

Neste sentido, toda clínica é política, pois acredito na indissociabilidade entre indivíduo e sociedade. No reconhecimento do sujeito em suas determinações inconscientes, temos a chance de transgredir os resíduos expulsos, referentes a

uma sociedade que impõe a homogeneização das subjetividades, apostando no sujeito em sua singularidade. Tal singularidade, decorrente da valorização do sujeito inconsciente, pode mostrar-se como uma condição fértil para que o sujeito possa transitar nos pólos individual e coletivo, fortalecendo sua capacidade de crítica de si mesmo e da realidade social.

Como já constatado, as minorias são as que identificam a problemática da subjetividade inconsciente, no campo social. Elas representam pólos de resistência e possibilidades de transformação social. Nesta tese, faço uma reflexão sobre a distinção entre as “pessoas-margens” e as minorias. No trabalho do psicólogo, penso sobre a possibilidade de, equivocadamente, exercemos o controle, buscarmos uma assistência vigiada e termos uma posição de correção, diante das marginalidades. Como explica Jacques Donzelot (1986), onde as referências fixas desapareceram, o indivíduo sente a necessidade de ser apoiado, mas não dirigido.

Sugiro a construção de políticas públicas em Muzema que incentivem pontos que podem ter início no saneamento básico e alcancem redes de apoio social, junto às famílias. Observo, através da posição das crianças no grupo de leituras infantis, que o binômio família-escola não caminha de mãos dadas. Na construção da subjetividade destas crianças, posso ver que estas instituições, família e escola, além de não estabelecerem um diálogo, uma troca, deixam-nas entregues a sua própria sorte. Desde cedo, elas ficam sozinhas, diante de suas dificuldades. Estes entraves, que poderiam ser vistos como propulsores do desenvolvimento infantil, são tomados como pontos fixos de uma subjetividade, ainda em construção. Vejo que o prazer que demonstram no ato de brincar e a confiança que hoje depositam neste trabalho fazem emergir um mundo infantil, ainda não explorado pelos seus pares.

Desta forma, o objetivo que marco neste trabalho junto ao estagiário, assumindo o papel de “participante transicional”, é que este possa inserir-se como um possível mediador entre a realidade subjetiva e objetiva destas crianças. Destaco o reconhecimento daquilo que as crianças são capazes de produzir naquele espaço e não enfatizo o que elas não são capazes. Apesar de conhecer suas histórias, não tenho o propósito de dar ênfase a sintomas, dificuldades e patologias.

Projetos de lazer e educação em Muzema incentivariam seus moradores a buscarem atividades produtivas para suas vidas, dentro e fora de Muzema. Tais sugestões não seguem a lógica do espetáculo, do capital multinacional, mas exigem compartilhamento, respeito pelo próximo, afeto e capacidade de lutarmos pelos direitos iguais de sermos humanos. Pelo que pude escutar durante todos estes anos nesta localidade, o lazer é almejado por uma grande parte dos moradores e, no trabalho com as crianças, tem-se a aprovação dos pais, da liderança comunitária e das próprias crianças.

Na experiência em Psicologia Comunitária, conviver com os obstáculos que surgem, inerentes às questões referentes a um determinado contexto, implica reconhecer as contradições locais. Cabe ao profissional, ao pesquisador lidar com este paradoxo e com o “vão” que surge em seu caminho. É neste vão que poderá emergir algo novo. Apresento a importância de uma análise global e local, distanciando-se de um julgamento moral dos fatos, mas apostando naquilo que é revelado a cada momento.

Nesta experiência de Muzema, confirmo a importância da pesquisa, pois foi a partir dela que alcançamos, na clínica que desenvolvemos no Posto, uma dinâmica observada recentemente mais flexível e uma aproximação maior da coordenação e da própria comunidade com nosso trabalho. A discussão dos próprios líderes e crianças que *“psicólogo não trabalha só com louco”* foi analisada por todo o nosso grupo, como um ponto em que alcançamos transformações em alguns sujeitos, no tocante a uma conscientização sobre o direito de que temos de amparo subjetivo e de uma conquista em relativizar aquilo que é normal e/ou patológico sobre a vida humana.

Nas minhas primeiras tentativas de inserção na comunidade e pela própria experiência nas entrevistas, noto um fechamento dos moradores. Em alguns momentos, precisei recorrer à coordenação para facilitar esta entrada na comunidade e de ter aceitação dos próprios moradores, obtendo sucesso nestas tentativas.

Nas devoluções que fiz sobre o “viver em comunidade”, uma mulher retornou para o Nordeste e outra mais velha faleceu. Nas outras que reencontrei, pude constatar uma maior confiança na relação construída com o pesquisador, satisfação por terem sido procuradas e interesse em participar da entrevista. A

complexidade do viver em comunidade, as dificuldades das amizades, ocasionadas pelo medo das “más companhias”, o sentirem-se sozinhas, a necessidade de respeitar o outro, pois todos vivem próximos, são algumas idéias levantadas pelas mulheres, além daquelas já apontadas nesta tese.

A tentativa de construir com as mesmas algumas conclusões, partiu de uma intenção que tive, com cada uma, de recapitular as mesmas perguntas que havia feito no primeiro encontro, apresentando algumas observações gerais sobre as falas das mulheres entrevistadas. O que de novo surgiu foi uma maior espontaneidade, com uma aparente auto-estima mais elevada. O espaço dialógico (Eu-Tu), apontado por Buber como um espaço político, foi por mim pensado nas atitudes demonstradas por elas. Considera-se, ainda, que numa aproximação com um outro não-reconhecido como cidadão, com direitos e deveres, possa emergir, na intersubjetividade, o diálogo, conforme já dito, como contexto para a problematização e reconstrução cultural.

Observo, através das respostas, nestas entrevistas com as mulheres, que há uma compreensão de que “*comunidade é diálogo, união*”, concomitantemente ao entendimento que “*estar em comunidade significa problemas constantes*”, tomando as palavras do próprio líder comunitário de Muzema. Constatei que, quando verbalizei para as mulheres que esta ambivalência é vivida em quase todos os lugares, as mesmas demonstraram um alívio, sentindo-se menos temerosas em perceber tal fato.

Diante destas considerações, vejo Muzema, em alguns momentos, vivendo um círculo aconchegante. Algo que permanece da cultura nordestina, do impacto da migração, das perdas familiares, da chegada num grande centro, deste entendimento compartilhado. Neste sentido, a comunicação entre os de dentro é densa, a recusa ao estranho é nítida. Não há como penetrarmos neste “non-sense” que escapa a qualquer tentativa de nomeação.

Segundo Vilhena (2004), nenhuma identidade, seja ela individual ou coletiva, pode ser construída fora do grupo de referência. A autora fala de sujeitos inseridos nas violências modernas, estas apresentando um traço específico, oriundo dos ideais de igualdade, de individualismo e autonomia, e de intolerância ao outro. Estes sujeitos lutam por uma referência que lhes dê um sentimento de pertencimento, de inclusão.

Zamora (1999) pontua uma mudança em termos da sociabilidade comunitária, provocada pelo aumento da violência nas favelas cariocas. Para esta autora, grande parte da população vive um confinamento que se desconhecia há algum tempo.

Desta forma, percebo que tal confinamento, já está inserido em diversos segmentos da sociedade, impedindo a valorização do espaço público e as trocas com os nossos pares, de diferentes esferas da nossa cidade. Como afirma Vilhena, “a organização do território da cidade é uma projeção do estado em que as relações sociais se encontram... é também no lugar, enquanto construção social, que os sujeitos produzem sua subjetividade (Vilhena, 2004, p.109-110) ”.

Em Muzema, presencio que o investimento afetivo no lugar, naquele território, propicia mudanças na subjetividade do próprio pesquisador e promove o reconhecimento da potência de sujeitos desconhecidos e não-reconhecidos como cidadãos em nossa sociedade.

Tive a intenção, neste estudo, de mostrar uma galeria dos desconhecidos, refletindo nas práticas cotidianas o “quantum” somos tomados pelas mercadorias do Rio das Vitruvas. Para a concepção marxista, o individualismo, inimigo das relações comunitárias, é fruto do “fetichismo” da mercadoria. Como vimos, esta concepção situa, historicamente, o debate comunidade e sociedade no capitalismo, no centro da luta de classes. Viver em comunidade implica testemunhar a cultura em que vivemos, se não nos colocarmos no lugar de “sujeitos da história”, favorecemos a alienação, condição propiciadora da exclusão social. Procurei mostrar este posicionamento, a partir de um aprofundamento teórico na Psicologia Social Comunitária. Esta pode se apresentar como um projeto coletivo de resistência à individualização do social da atualidade.

Finalizando esta tese, mas continuando nossas atividades no Posto, convido todos os interessados para que conheçam Muzema e construam junto conosco, novos olhares nesta e em outras galerias de desconhecidos da nossa cidade.